

Roubando a cena: juventude e cultura hip hop no interior do Rio Grande do Sul

Stealing the scene: youth and hip hop culture in the interior of Rio Grande do Sul

Robando la escena: juventud y cultura hip hop en el interior de Rio Grande do Sul

Eduarda Regina Dorneles¹
José Luís Abalos Júnior²

Resumo

A juventude que tem sido foco de reflexão sociológica nas últimas décadas é uma juventude urbana, que se desenvolve na diversidade metropolitana. Esse trabalho busca trazer um olhar para culturais juvenis em contextos rurais, principalmente refletindo sobre juventudes racializadas e marcadas por elementos culturais como o Hip Hop, que se globalizaram para as grandes cidades e são, em grande medida, invisibilizados nas cidades interioranas brasileiras. Como universo de pesquisa indicamos um grupo de jovens que articulam o coletivo “Roubando a Cena” na cidade de Alegrete, interior do Rio Grande do Sul. Através de uma perspectiva etnográfica de produção de dados buscamos contribuir para o pensamento de diferentes abordagens teóricas e metodológicas, fortalecendo a produção científica sobre a condição juvenil na contemporaneidade. Por fim, buscamos trazer algumas questões de memória e geração de culturas juvenis que têm conexões profundas com os territórios que habitam, assim como um detalhamento de um projeto de extensão com juventudes ocorrido no Instituto Federal Farroupilha, Campus Alegrete.

Palavras-chave: Juventude, Cultura de rua, Etnografia, Extensão, Imagens

1 Instituto Federal Farroupilha - Campus Alegrete E-mail: duda59228@gmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande E-mail: abalosjunior@gmail.com

Data de conclusão do artigo: 19/05/2025

Abstract

The youth that has been the focus of sociological reflection in recent decades is an urban youth, which develops in the context of metropolitan diversity. This work seeks to bring a look at youth cultures in rural contexts, mainly reflecting on racialized youths and those marked by cultural elements such as Hip Hop, which have globalized to large cities and are, to a large extent, invisible in Brazilian rural cities. As a research universe, we indicate a group of young people who articulate the collective “Roubando a Cena” in the city of Alegrete, in the interior of Rio Grande do Sul. Through an ethnographic perspective of data production, we seek to contribute to the thinking of different theoretical and methodological approaches, strengthening scientific production on the youth condition in contemporary times. Finally, we seek to bring some questions of memory and generation of youth cultures that have deep connections with the territories they inhabit, as well as a detailing of an extension project with youth that took place at the Instituto Federal Farroupilha, Alegrete Campus.

Work Keys: Youth, Street culture, Ethnography, Extension, Images

Resumen

La juventud que ha sido foco de reflexión sociológica en las últimas décadas es una juventud urbana, que se desarrolla en el contexto de la diversidad metropolitana. Este trabajo busca aportar una mirada sobre las culturas juveniles en contextos rurales, reflexionando principalmente sobre juventudes racializadas y aquellas marcadas por elementos culturales como el hip hop, que se han globalizado en las grandes ciudades y que, en gran medida, permanecen invisibilizados en las ciudades rurales brasileñas.

Como universo de investigación, se considera a un grupo de jóvenes que articulan el colectivo “Roubando a Cena” en la ciudad de Alegrete, en el interior de Rio Grande do Sul. A partir de una perspectiva etnográfica de producción de datos, se busca contribuir al desarrollo de distintos enfoques teóricos y metodológicos, fortaleciendo la producción científica sobre la condición juvenil en la contemporaneidad.

Finalmente, se abordan algunas cuestiones de memoria y de generación de culturas juveniles que mantienen profundas conexiones con los territorios que habitan, así como un detalle de un proyecto de extensión con jóvenes llevado a cabo en el Instituto Federal Farroupilha, campus Alegrete.

Palabras clave: Juventud, cultura callejera, etnografía, extensión, imágenes

Em um domingo normal, no centro da cidade de *Alegrete*³, fronteira oeste do estado do

3 Alegrete é um município brasileiro localizado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, situado no Bioma pampa e aquífero guarani. É conhecido por ser a terra natal de grandes figuras, como: Oswaldo Aranha (Político, Diplomata brasileiro e Presidente da ONU), Demétrio Ribeiro (Deputado Federal e o 1º Ministro da Agricultura do Brasil) e Mário Quintana (Poeta). Além disso, é reconhecida pelo seu tradicionalismo, proporcionando o maior desfile de cavaleiros do Brasil e um dos maiores do mundo, que ocorre desde 1956 e contou com cerca de oito mil participantes registrados na última década. Além do mais, outro evento marcante é a Campereada Internacional de Alegrete, um rodeio típico gaúcho, que acontece anualmente desde 1979 (Prefeitura De Alegrete, 2010. Acessado em: https://www.alegrete.rs.gov.br/historia/historia_alegrete.php).

Rio Grande do Sul, um grupo de jovens majoritariamente negros, organizados em roda, realiza o que chamam Batalhas de MCs. A atividade já parece ser parte de uma rotina estética/sonora do domingo alegreense. Além da ocupação do espaço público há uma busca pela midiaticização nas redes sociais, sendo que o clima de sol, a aproximação dos espectadores, contribuem para um cenário que será reproduzido em plataformas digitais, como Instagram. Como pesquisadores/as de manifestações culturais juvenis em contextos interioranos, nos chama atenção a presença histórica do Hip Hop, e das batalhas de MCs como uma de suas dimensões, em um cenário não metropolitano, raiz dessa expressão artístico-urbana. Quais as características desse movimento neste contexto interiorano? Buscaremos responder essa questão através de uma investigação com inspiração etnográfica de acompanhamento destes jovens pela cidade, assim como de entrevistas semi-estruturadas e produção de imagens fotográficas e filmicas.

Nosso objetivo neste artigo é elencar fatores condicionantes que fizeram a cultura Hip Hop florescer na cidade de Alegrete, assim como estabelecer uma descrição do grupo “Roubando a Cena” no qual participam muitos jovens identificados com nossa questão. Primeiramente trazemos uma revisão teórica sobre as ideias de subcultura e culturas juvenis, assim como indicamos estudos que mapearam um histórico de movimentos juvenis de rua, como o Hip Hop e suas dimensões, em algumas grandes capitais brasileiras. Logo após, indicamos nossas formas de coleta de dados com jovens que participaram de várias gerações do Hip Hop na cidade de Alegrete. Por fim, apresentamos uma vivência de pesquisa que tivemos com um grupo de interlocução racializado e engajado política nas pautas de culturas de rua (Hebdige, 1979).

Além disso, pretendemos apresentar uma experiência da constituição do Hip Hop que ocorreu e ocorre, necessariamente em cenários metropolitanos, característicos da cidade moderna contemporânea (Velho, 1978). Tais movimentos juvenis urbanos, mesmo que inspirados em tradições semelhantes como é o caso da norte-americana (Cooper e Chalfant, 1984), podem estar presentes em contextos interioranos no qual as políticas de desenvolvimento urbano e a descentralização cultural podem tomar outras formas diferentes das grandes cidades. Desta forma entendemos a relação urbano-rural, principalmente ao falarmos de cidades médias (Marchezan Scherer e Vasconcelos Maia do AmaraL, 2020), não em uma perspectiva disruptiva, mas apresentando semelhanças e diferenciações que buscaremos apresentar.

Enquadramentos Conceituais: Subculturas, Juventude e Hip Hop

Em 1979, Dick Hebdige no clássico “Subculture: The Meaning of Style” analisava as subculturas britânicas do pós-guerra (como mods, punks, skinheads e rastafáris), argumentando que essas expressões eram mais do que meros estilos juvenis: funcionavam como uma espécie de resistência simbólica à cultura dominante e ao sistema hegemônico. Mesmo que tal reflexão esteja vinculada diretamente ao nosso universo de análise, a presença do Hip Hop como um agregador de culturas juvenis no meio rural, Hebdige nos dá pistas de como jovens marginalizados, muitas vezes da classe trabalhadora, utilizam o estilo (moda, música e comportamento) como forma de expressar insatisfação e oposição às normas sociais.

A transgressividade da cultura Hip Hop passa, em maior ou menor medida, por uma

ideia de estilo como passavam as subculturas analisadas pelo sociólogo inglês. Ou seja, roupas, penteados, música e gírias são formas de comunicação e se tornam "textos" que podem ser lidos para entender as mensagens de resistência das subculturas. Em princípio o que, no senso comum, podemos entender como elementos banais como o uso de boné, de acessórios corporais, tatuagens e afins, dizem respeito às (re)apropriações de dimensões culturais da globalização (Appadurai, 1996). Hebdige ainda destaca a forte relação entre subculturas e a classe social. Os movimentos culturais juvenis, como o Hip Hop, emergem em grande parte das camadas populares, e refletem o contexto econômico, político e racial como o desemprego e a exclusão social da juventude periférica.

"O estilo na subcultura é grávido de significado. Suas transformações vão 'contra a natureza', interrompendo o processo de 'normalização'. Como tal, são gestos, movimentos em direção a um discurso que ofende a 'maioria silenciosa', que desafia o princípio de unidade e coesão, que contradiz o mito do consenso." (Hebdige, 1979: 18)

Uma aplicação dos estudos de subcultura aos estudos da cultura Hip Hop é feita por Lapassade e Rousselot (2009) que destacam como o Hip Hop inclui marcadores de identidade locais, mesmo sendo ele um movimento cultural global. Os autores entendem o RAP praticado como uma dimensão cultural do Hip Hop como uma "fúria de dizer", ou seja, um meio intenso e direto de expressão, especialmente para os marginalizados. Através desta obra, se entende o papel do RAP na construção identitária e na crítica social. A análise ultrapassa o mero aspecto musical e reflete sobre como o RAP funciona como um canal de voz para questões de exclusão, racismo e desigualdade, moldando uma identidade coletiva entre jovens das periferias urbanas.

No que se refere aos estudos sobre o Hip Hop no cenário nacional, percebemos a presença da cidade de São Paulo como uma referência inescapável (Franco, 2009). Já no Rio Grande do Sul, percebemos que ele está direcionado a centros urbanos como Porto Alegre (Abalos Junior, 2019; de Albuquerque Maffioletti, 2013). Um trabalho interessante a se refletir é o de Vânia Fialho (2003) que analisou o programa "Hip Hop Sul" ativo muitos anos no espaço televisivo da TV Educativa do estado do Rio Grande do Sul. A autora destaca como eram promovidas a identidade e a visibilidade dos artistas locais. De todas as referências citadas, poucas incluem cidades juvenis interioranas como universo de análise, e os estudos que as incluem, abordam outras temáticas mais vinculadas à ruralidade.

Seja como uma variedade de gostos dominantes (Bourdieu, 2007), seja como exemplo prático do comportamento desviante (Becker, 2008), o Hip Hop parece se manifestar como elemento disruptivo no meio rural, cumprindo a ideia e a estética inicial do movimento global. Também nos interessa aqui refletir sobre essa manifestação urbana, política e cultural através da noção de "culturas juvenis". Este termo é uma definição ampla, pois a cultura pode assumir muitos significados. Além disso, quando se trata de jovens, temos uma singularidade associada à diversidade sociocultural, econômica, e demais questões relacionadas aos contextos em que estes estão inseridos. Embora possa haver convergências dentro de uma cultura juvenil que as interligam, a mesma não pode ser categorizada por um padrão (Amaral, 2011).

Uma das grandes obras sobre este conceito é "Culturas Juvenis" de José Machado Pais, publicada em 1993 (2003). O autor destaca como jovens constroem estilos de vida próprios que

refletem e, ao mesmo tempo, desafiam as normas sociais predominantes. Essa dupla condição de condicionamento e questionamento da estrutura social caracteriza e, ao mesmo tempo, complexifica o estudo sobre culturas juvenis. Machado Pais também reflete sobre a influência de questões como o consumo cultural e as posições sociais na formação dessas culturas juvenis. Portanto, procura analisar não apenas os comportamentos visíveis dos jovens, mas também os significados e motivações mais profundos por trás de suas práticas culturais e identitárias.

Nos que se referem a questões metodológicas de trabalho com culturas juvenis, podemos citar a trajetória do pesquisador Carles Feixa, narrada em uma entrevista com Nedel Oliveira, em 2018. Segundo o antropólogo espanhol, traçar histórias de vida juvenis contextualizando-as em seu ambiente cultural de formação é um dos pilares metodológicos com toda sua pesquisa com juventudes.

Considera-se que a juventude não tem história de vida ou biografia porque ainda estariam em construção, por outro lado, me dei conta de que era justamente o momento em que poderiam começar a narrar e a construir, a partir das perguntas que eu fazia como antropólogo e pesquisador, e também, na origem, como jovem, porque quando eu comecei eu era jovem como aqueles os quais eu entrevistava. (Nedel Oliveira *et al*, 2018: 320)

Inspirados por Machado Pais (2003 [1993]) e Feixa (2016)⁴, entendemos o Hip Hop como uma *cultura de jovens*⁵ que produz subjetividades juvenis, seja no contexto metropolitano, seja no contexto de cidades médias e interioranas. Tendo como universo de análise o surgimento e a identificação de agrupamentos juvenis vinculadas a essa cultura de rua na cidade de Alegrete, Rio Grande do Sul, partimos para a descrição metodológica e analítica do texto. Buscamos nesse espaço de revisão teórica trazer, brevemente, alguns conceitos e, principalmente, relacioná-los à realidade estudada.

Percurso Metodológico e Etnográfico

Metodologicamente esse trabalho incluiu uma perspectiva etnográfica que trata de realizar um acompanhamento com grupos juvenis articulados dentro de uma determinada dimensão da vida social. Embasados em Eckert e Rocha (2008) entendemos que “a interação é a condição da pesquisa”, portanto o exercício antropológico é o de estabelecimento de uma relação entre pesquisadores e interlocutores. Esse frutífero contato se dá através de uma familiarização do estranho e/ou de um estranhamento familiar (Velho, 1978). Dentro do arcabouço de opções de

4 “Carles Feixa: Precisamos voltar a uma ideia de cultura juvenil associada à educação”. <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/carles-feixa-precisamos-voltar-uma-ideia-de-cultura-juvenil-associada-educacao/> Acessado em 30 de outubro de 2024.

5 Ao falarmos de culturas juvenis estamos pluralizando o conceito de juventude e indicando sua heterogeneidade. Isso significa que assumimos o trabalho com uma diversidade de interlocutores que têm características em comum, como faixa etária e localidade de moradia. Contudo, há diferenciações importantes, pois ao falarmos de cultura e associarmos esse conceito a uma etapa da vida, indicamos que estes jovens pesquisados têm uma história e uma identidade (Da Matta, 1981).

coleta de dados inspirado na etnografia, podemos dizer que a “etnografia de rua” diz respeito ao acompanhamento de “experiências e prática cotidianas que o etnógrafo urbano compartilha em sua observação do outro que se desloca na cidade” (Eckert e Rocha, 2013: 22). Ao caminhar com artistas urbanos na cidade de Porto Alegre busquei uma aproximação dos seus gestos. A presença no instante das intervenções deu-me acesso a um “mundo gestual” realizado por personagens urbanos que intervêm na urbe.

Uma premissa importante nesta opção metodológica é a de que, ao acompanhar os sujeitos de investigação nos seus circuitos pela cidade, “a cidade que nós conhecemos é a cidade da alteridade da pesquisa” (Eckert e Rocha, 2013). Logo a Alegrete que conhecemos, através da interlocução consentida de jovens interlocutores vinculados à cultura Hip Hop, é a Alegrete destes jovens que realizam suas práticas de lazer e cultura na cidade. Desta forma, a técnica da etnografia de rua consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento às variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões no território. (Eckert e Rocha, 2013: 23)

Se nossos interlocutores são jovens que se deslocam na cidade e, justamente por este fato tem uma visão muito particular do urbano, é muito proveitoso o uso metodológico desse modelo, pois permite um acompanhamento dos fluxos urbanos, locais de preferências de realização de batalhas de MCs, intenções, uso de materialidades, todas questões que levam a uma central: como se constituiu as gerações de cultura do Hip Hop na cidade de Alegrete? Esse fazer-cidade (Agier, 2019) nos leva a pensar como o movimento é parte constituinte do cotidiano de quem intervêm na cidade e, mais que isso, como essa cidade é um “objeto virtual” (Lefebvre, 1970) no qual o urbano imaginado, projetado, desejado, ultrapassa uma noção pragmática de cidade.

Para Agier (2019) é a relação de construção e desconstrução entre o campo de pesquisa e o objeto de pesquisa que torna possível um olhar antropológico sobre a cidade. É através das situações de interlocução do antropólogo com seus interlocutores que se funda o ponto de vista antropológico sobre a cidade, o “lugar” de onde se fala, o que restitui toda a potência analítica ao caráter relativo e subjetivo da etnografia. Tais perspectivas caminham juntas (uma metáfora adequada nesse contexto teórico e metodológico) com a ideia de etnografia de rua, pois as duas têm no movimento um fator essencial de análise. Porém, enquanto o fazer-cidade se preocupa com as dimensões da “virtualidade” do urbano, a etnografia de rua tem uma atenção mais presente ao acompanhamento e ao “caminhar junto”.

Pensando geracionalmente: o Hip Hop em Alegrete.

O primeiro interlocutor representa a velha guarda dos movimentos culturais de Alegrete; Percio é um homem negro de 53 anos, formado em artes cênicas, escritor e dono de um sebo⁶ no município de Alegrete. Atualmente, ele se dedica ao seu negócio, porém segue escrevendo e sendo ativo em eventos que ocorrem na cidade, por exemplo a feira do livro. Esta interlocução representa uma primeira geração do Hip Hop na cidade, demarcada nos anos noventa, não

6 Sebo é o nome dado às livrarias que comercializam livros usados. Atualmente, além de livros, os sebos comercializam discos, CDs, DVDs, revistas, gibis, entre outros produtos culturais.

muito diferente de grandes capitais, como São Paulo (Franco, 2009) e Porto Alegre (Abalos Júnior, 2021)

De acordo com Pércio, foi no início dos anos 90 que o RAP tomou forma na cidade. Ele relata que naquela época o Hip Hop era praticado em predominância na zona leste, e o primeiro contato com essa cultura foi motivado pelo grupo de hip hop Racionais MC's, pois “passei para eles um fanzine⁷ dos racionais que havia recebido e eles começaram a se movimentar, escrever as próprias letras e cantar”, diz Pércio. Ele também relata, ainda a respeito daquela época, sobre o fato dos grupos antigos de rap (Racionais, 509E, entre outros) terem sido a inspiração daqueles jovens, motivando-os a escrever sobre o cotidiano, sonhos e até preconceitos, visto que “eram pobres da zona leste, negros, e o preconceito era recorrente”. Nosso interlocutor segue refletindo que:



“Teve um encontro, uma reunião, aqui na rua de baixo “Mariz e Barros”, em uma revenda de carros...e o pessoal se encontrou para trocar ideia e conversar sobre a cultura do Hip Hop. Tinha um rapaz até... “Radox”, que era rapper de Pelotas e veio palestrar e conversar com o pessoal. Também veio gente de Porto Alegre, e nisso veio também alguém representando a banda “L.O.R.D.S”, que são lá de Porto Alegre, que o nome significava “Legião Organizada Revolucionária dos Direitos Sociais” e foi um momento bem legal do Hip Hop aqui em Alegrete, foi o auge na verdade.”

Pércio traz um fator importante sobre o tema: a arte de rua não consiste somente em expressar sentimentos, mas também manifestar revolta, apoio, luta e justiça. Para ele, um jovem negro e da zona leste de uma cidade do interior, o “auge” do Hip Hop foi na década de noventa na qual a luta contra o preconceito estava escrita em cada palavra e sentida em cada rima. Ele e tantos outros jovens artistas, independentes de suas tribos e culturas, tinham algo em comum: produzir arte com suas realidades. Percebe-se como a referência para criação de uma geração de artes vinculados essa cultura contou muito com a ajuda de grupos metropolitanos que faziam um fluxo e mobilidade cidade-interior.

Podemos demarcar por volta 2010 o início de uma segunda geração de jovens que fazem Hip Hop em Alegrete. Novos artistas, novas lideranças como o rapper Xakau iniciaram seus processos artísticos pelos espaços públicos da cidade. Xakau é um homem negro de 29 anos, rapper, e possui sua própria produtora musical “*Infinity Flow Records*” que atualmente apoia jovens MC's, principalmente do município de alegrete, na indústria do Hip hop. De acordo com o artista nessa época as batalhas aconteciam por lazer, sem pretensão de viver dessa arte. Porém, por volta de 2016 aconteceu a 1ª Batalha de Rap Oficial em Alegrete, conhecida como “Batalha

⁷ Fanzines são publicações não profissionais produzidas por seguidores de um fenômeno cultural específico (como um gênero literário, musical ou histórias quadrinhos) para outros que tenham os mesmos interesses.

Cultural”, no Centro Cultural Adão Ortiz Houayek, palco de inúmeros eventos culturais do município. O espaço era aberto para quem quisesse assistir e a repercussão desse evento foi tanta que a “Gazeta de Alegrete” noticiou sobre esse movimento cultural de rua, aumentando a visibilidade não só dessa cultura, mas também desses jovens artistas.

“Em uma época em que os conflitos urbanos destroem vidas por dilemas absurdos, é inspirador ver subir aos palcos uma geração de artistas cuja rivalidade nasce e morre ali, em um combate intenso, mas sem agressividade. Paz e cumplicidade entre os músicos, que terminavam as batalhas com apertos de mão e abraços. O rap de Alegrete tem extremo potencial e certamente ainda nos dará muito orgulho, pelas mãos e rimas velozes dos nossos jovens representantes.” (Por Rossano Segabinazzi).

A citação acima representa um trecho da notícia escrita por Rossano Segabinazzi em 2016, ele nota o efeito que o rap causa nas pessoas ao ser escutado pela primeira vez. O orgulho retratado nesta reportagem se faz presente não só em palavras, como também na divulgação da arte de um artista alegretense, conhecido como “RJS” que também participava dessa cultura juvenil. Ao elaborarem a “Batalha Cultural” esses jovens não divulgaram somente suas ideias e artes, eles também trouxeram a Alegrete uma possibilidade nova para outras pessoas se expressarem.

Entretanto, após começar a ganhar visibilidade, em 2020 iniciou-se a pandemia de COVID 19 e os encontros de rima, skate e grafite foram cessados, impossibilitando a prática desses eventos durante um determinado período. Porém, no final de 2021, já no fim da pandemia foi criado o grupo “Roubando a Cena”, onde MC 's mais antigos, como Xakau, se aliaram a jovens rappers de Alegrete para retomar o movimento artístico de rua, que durante a pandemia foi deixado de lado na cidade. Esse grupo foi criado com a colaboração de uma importante figura política e ativista cultural da cidade de Alegrete, com o intuito de desenvolver eventos juvenis para promover a arte e a importância da cultura juvenil para a formação pessoal e desenvolvimento individuais.

Por fim, podemos citar uma terceira geração que nasce através do grupo “Roubando a Cena” voltado aos diferentes tipos de artes de rua que começou em meados de 2021, e tem como objetivo apoiar jovens artistas, além de promover a arte de rua em Alegrete RS para a comunidade, independentemente de suas origens sociais, gênero ou raça. Por meio de eventos realizados em locais diversos, o movimento consegue proporcionar a heterogeneidade da cidade para a juventude alegretense, atraindo jovens de diferentes ambientes e contextos socioculturais, unindo-os através de um fator comum: a arte de rua. Apesar dos participantes, nitidamente, apresentarem idades e realidades socioeconômicas diversas, infelizmente a participação do público feminino é um fator escasso, o que torna o “Roubando a Cena” um grupo predominantemente masculino.

Diferentemente do contato de entrevistas que tivemos com artistas referentes das gerações anteriores, com os jovens do grupo mencionado podemos fazer trabalho de campo e ter imersão etnográfica. Isso se deu por incentivo de uma disciplina denominada PeCC (disciplinas de Práticas enquanto Componentes Curriculares) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha- Campus Alegrete foi proposto um trabalho etnográfico

sobre temas diversos relacionados à juventude, sendo culturas de rua um dos escolhidos. A escolha desse tema se deu para compreender como uma cultura juvenil, normalmente vista em metrópoles, atua em uma cidade no interior do RS, onde o tradicionalismo e o preconceito são preponderantes. Para entender melhor o cotidiano dos jovens artistas de rua, o grupo responsável por este trabalho, primeiramente entrou em contato com a organização do grupo “Roubando a Cena” para a elaboração de um cronograma de locais e datas dos eventos, definição de entrevistados e entre outras atividades que aconteceriam no decorrer dessa pesquisa e é dessas experiências que trataremos na última parte desse texto.

O encontro etnográfico com culturas juvenis

Como relato na abertura deste artigo, nosso primeiro contato etnográfico com a cultura Hip Hop em Alegrete se deu em um domingo de sol, em uma praça de uma típica cidade interiorana. Compunham esse cenário a antiga igreja, uma estátua do poeta alegretense Mario Quintana, e muitas pessoas sentadas em suas cadeiras de praia tomando chimarrão, típico do sul do Brasil. É neste cenário que acompanhamos um campeonato de skate na Praça Getúlio Vargas. Nesse evento foi observado qual era a faixa etária predominante, o gênero em maior abundância, a diversidade de estilos e a interação da comunidade com essa cultura juvenil. Também podemos notar a interação entre o público da cidade e os jovens skatistas, pois famílias, idosos e crianças aproveitaram o evento para tirar fotos das manobras, perguntar sobre o esporte e até mesmo algumas crianças experimentaram o skate, com o auxílio dos participantes do campeonato, pela primeira vez.

Nesta primeira saída de campo exploratória, nosso objetivo foi (re)conhecer os elementos da cultura do que chamamos aqui de culturas juvenis vinculadas ao Hip Hop no espaço público. Como forma de interlocução buscamos conversar com os organizadores do evento e, também, nos fazer conhecidos enquanto pesquisadores/as. Deste contato conhecemos a figura política responsável por dar início a esse movimento, José Silva (nome fictício) que nos falou sobre a agenda de atividades um pouco mais sobre o grupo Roubando a Cena:

“O “Roubando a Cena” é para todos, ele não distingue gênero, raça, classe social, ou idade. Esses jovens querem mostrar a arte deles, querem ser vistos e ouvidos e o “Roubando a Cena” está aqui para ajudar nisso, porque aqui tem lugar para os manos e minas”. (Por José Silva)

Durante as primeiras entrevistas foi notado a importância desse movimento cultural para os jovens alegretenses, e o fato de, como citado anteriormente, ser um ambiente acolhedor sem distinção entre os jovens contribui para a formação intelectual, cultural e emocional desses indivíduos. Concluiu-se isso, pois, muitas falas de integrantes do “Roubando a Cena” remeteram o grupo com “um lugar para ser quem sou”, “depois de um “correr” no trabalho, a semana toda, aqui é onde eu tenho paz”, “aqui as pessoas me entendem”, “aqui descobri que o rap é o meu estilo de vida”, entre outras narrativas nesse sentido.

O segundo encontro ocorreu na 42ª Feira Do Livro De Alegrete, promovido pela

Prefeitura de Alegrete, novamente na Praça Getúlio Vargas⁸. A feira tem como objetivo promover a diversidade de arte e cultura para a comunidade de Alegrete, principalmente aos jovens. Durante o evento, o “Roubando a Cena”, foi convidado a participar de uma Batalha de Rima de Conhecimentos, que consiste em elaborar rimas voltadas a temáticas sociais (racismo, aborto, preconceito, homofobia, etc.), possibilitando uma nova visão sobre as culturas de rua na cidade de Alegrete. A batalha ocorreu em um palco localizado no centro do evento, com cadeiras dispersas à frente para um melhor aproveitamento da experiência. Outro fator relevante ocorrido, foi a elaboração de desenhos e grafites simultaneamente a batalha, e que finalizados foram entregues ao público. Após a apresentação, 7 integrantes do movimento foram entrevistados para a elaboração de um material audiovisual, na entrevista foram abordadas suas experiências como MC 's, desafios, motivações e como se deu o início da jornada de artistas de rua em Alegrete, que é reconhecida, principalmente, pelo seu tradicionalismo gaúcho.

Para os primeiros diálogos informais em campo conversamos com alguns Mc 's do grupo Roubando a Cena, dentre eles um personagem político da cidade que apoia a atividade (José Silva) e uma jovem, a única rapper alegretense que participa ativamente das batalhas de rima no município. Ela nos diz que se sente feliz em colocar não só a voz dela no Hip Hop, mas a voz das mulheres no geral, e por mais que em algumas batalhas ficasse desconfortável por não ser levada a sério por alguns oponentes, ela rima para que outras mulheres saibam que essa cultura não é só para homens e que se sintam confortáveis em fazer aquilo que amam. Já o líder político que apoia a atividade, nos contou sobre quando convidou os jovens artistas alegretenses a usarem o palco do Centro Cultural para suas batalhas e o estranhamento daqueles meninos ao serem acolhidos e reconhecidos como artistas:

“Eles entraram naquele palco encabulados e desconfiados, perguntando se realmente podiam usar aquele espaço e eu disse: “como assim, se vocês podem? Vocês devem, o Centro Cultural é de quem produz cultura e de quem consome cultura.” (José Silva)

Outra prática etnográfica aconteceu no Centro Cultural de Alegrete em uma Batalha de Sangue, que normalmente possui rimas soltas voltadas a ofender o adversário de maneira intensa. O contraste entre a batalha de sangue e de conhecimento é grande, não só pelo conteúdo, mas também pelo público que se fez presente, já que a maior parte eram jovens homens entre 15 a 27 anos. Apesar das roupas largas e escuras, estilo marcante do estereótipo de “skatista”, alguns tomavam chimarrão⁹ durante a Batalha de Sangue, fato esse que nos levantou a questão se o tradicionalismo gaúcho, localmente enraizado em uma cidade pequena,

8 Em uma perspectiva antropológica é curioso pensar em como esta Praça central tem o poder de catalisar o público para ações culturais na cidade. Antes da década de 1860, a praça era popularmente conhecida como Praça da Igreja, pelo fato dela estar localizada perto da Igreja Matriz, outro ponto histórico de Alegrete. Porém, em 1866, o imperador D. Pedro II - por causa da viagem para a cidade de Uruguaiiana, 145 km de Alegrete, hospedando-se no atual ginásio do Colégio Divino Coração, localizado em uma das esquinas da praça. Após esse ocorrido a antiga Rua General Netto, onde se localiza o ginásio, passou a se chamar Rua dos Príncipe e em homenagem a este fato, a praça passou a se chamar Praça Dom Pedro II. Este nome se conservou até a Proclamação da República do Brasil, quando passou a se chamar Praça 15 de Novembro e, anos depois ganhou o nome atual, em homenagem ao ex-presidente Getúlio Vargas. (Araujo Filho, 2007)

9 Bebida quente típica do sul do Brasil.

e a cultura hip hop globalizada, apesar de suas manifestações locais, podem conviver e criar um hibridismo cultural interessante a ser analisado. Esse não foi o único momento em que esse questionamento se mostrou presente, pois como a atividade de pesquisa aqui descrita estava relacionada a disciplina de antropologia referida que já chegava ao fim do semestre, o grupo de jovens estudado foi convidado para prestigiar uma exposição fotográfica e de vídeos no Instituto Federal Farroupilha.

Desta forma, foi organizada uma exposição com materiais de audiovisual produzidos pelos grupos da disciplina de PECC II, expostos na Biblioteca Tasso D. Siqueira e contou com coffee break, televisão e projetores para exposição de fotos e vídeos, e falas do professor orientador da disciplina e seus alunos sobre essa experiência etnográfica. Além disso, o grupo Roubando a Cena não foi convidado somente para contemplar o trabalho do qual participaram, mas também para uma Batalha de Rima dentro da instituição. O intuito dessa batalha de rima foi promover a diversidade cultural para os alunos do campus e também para os artistas de rua sentirem que a educação apoia a todos os tipos de arte. Durante o trajeto para o IFFar os MC's se mostraram animados com a ideia de rimar em uma Instituição de ensino, e um deles até comentou que “seria o primeiro de sua família a pisar em uma faculdade”.

“Quem diria! Ninguém acreditava no nosso “corre” e agora olha onde estamos?! A gente está em uma faculdade e tem um trabalho sobre o Roubando a Cena, não imaginava isso”
(Fala de um dos jovens MC's convidados)

Ao ver a exibição final do trabalho sobre movimento cultural juvenil de rua e o orgulho, em um misto de emoções, o evento seguiu até o começo da batalha de rima, que aconteceu em um espaço à frente da Biblioteca. Quando a noite caiu se deu início a “Batalha de rima do IFFar”, como foi chamada pelo grupo Roubando a Cena, com o espaço já organizado com caixas de som, microfones, os estudantes e professores se organizaram na volta dos apresentadores dando início ao evento. Os primeiros duelos começaram com rimas de conhecimento entre os participantes, mas a cada minuto que passava a tensão entre os Mc's aumentava e as rimas tornavam-se características de uma batalha de sangue, com direito a ofensas repletas de insultos e afrontas.

Durante os duelos, os estudantes do campus que moravam no alojamento estudantil principalmente aqueles que não eram da região, ouviam cada palavra com atenção, torcendo pelos seus favoritos da noite enquanto viajavam os oponentes. Nesses momentos, o contraste cultural juvenil se tornou esteticamente visível. Era nitidamente presente, pois meninos entre 15 a 18 anos, vestidos de chapéu e bombacha (roupas tradicionais gaúchas), eram os mais fascinados e empolgados do público, pois era uma atividade fora do padrão de ações culturais habituais no instituto. Em determinado momento, um dos estudantes, ao conversar com os Mc's relaciona a trova¹⁰ com o rap, que apesar de distintas, conseguem se conectar e um deles comenta que na infância participava de declamações durante a semana farroupilha.

10A trova gaúcha é uma forma tradicional de poesia oral e improvisada, típica da cultura do Rio Grande do Sul, que faz parte do universo da literatura de cordel sulista, da música nativista e das manifestações culturais ligadas ao gauchismo.

Em simultaneidade ocorria a Mostra Científica do IFFar organizada pela turma da disciplina de antropologia, diversos alunos foram convidados para apresentarem seus trabalhos, que foram expostos ao redor do saguão do Instituto Federal Farroupilha, e os jovens rappers de Alegrete também foram convidados a prestigiar-la. No decorrer da mostra os cantores de rap escutavam fascinados sobre cada um dos trabalhos, tanto que um deles comenta que apesar de ter visto assuntos semelhantes na época da escola, nunca havia entendido de fato até aquele momento. Além disso, estavam curiosos sobre como funcionava as disciplinas, quais os cursos que haviam na instituição, horários de transporte, pois certos Mc 's ficaram interessados em voltar a estudar por ver como era acessível fazer parte de uma instituição federal de ensino.

Conclusão

Por fim, refletimos sobre como foi essa experiência e como ela está vinculada a projetos de extensão, indicando a experiência de inauguração de uma exposição sobre os jovens pesquisados. Reconhecemos aqui os múltiplos desafios da curricularização da extensão, dos projetos que visam um contato maior entre universidade e sociedade, principalmente quando falamos de culturas juvenis. Após presenciar posturas favoráveis e contrárias a estes de tipos de projetos que visam, entre tantos objetivos, a inclusão universitária de juventudes periféricas, percebemos a importância de reflexões com as nossas não só para a nossa formação, mas para a transformação da realidade juvenil como um todo.

Articulando teoria e trabalho de campo, o percurso etnográfico mostrou que o Hip Hop na cidade de Alegrete atua como estilo-resistência (Hebdige, 1979) e como produção de subjetividades juvenis (Machado Pais, 2003 [1993]), relacionando marcadores locais e fluxos globais (Appadurai, 1996). A leitura geracional evidenciou continuidades e recomposições: de uma velha geração da década 1990 à reorganização pós-pandemia pelo grupo Roubando a Cena, com mediação de agentes culturais e ocupação de espaços públicos. Nessa trama, práticas como batalhas de rima, grafite e skate, além da circulação em redes sociais, revelam hibridismos entre tradições locais (chimarrão, trova, vestuário gaúcho) e estéticas do Hip Hop, expandindo o repertório cultural interiorano sem dissolver suas especificidades.

Nossa experiência de pesquisa indica caminhos para políticas culturais que sustentem a continuidade dessas dinâmicas juvenis urbanas: editais de financiamentos para eventos de rua, acesso a estúdios, formação de mediadores culturais e ações para ampliar a participação feminina. Como desdobramento de pesquisa, sugerimos acompanhar os circuitos urbanos do Hip Hop em cidades médias e pequenas, aprofundar a análise de memória e arquivo na formação das gerações e investigar o impacto de projetos de extensão nas trajetórias artísticas e educacionais, mostrando que (e como) periferias interioranas também (re)produzem expressões culturais juvenis.

Referências Bibliográficas

Abalos Júnior, José Luís. 2019. A arte de rua enquanto experiência geracional. CAP-Public Art Journal 1(1): 22-23.

- Abalos Júnior, Jose Luis. 2021. As políticas da criatividade: graffiti, street art e desenvolvimento urbano-cultural no Brasil e em Portugal. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Agier, Michel. 2019. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Appadurai, Arjun. 1996. Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias, Lisboa: Teorema.
- Araújo Filho, Luiz. 2007. O município de Alegrete. Alegrete: Gráfica e Editora Pallotti.
- Becker, Howard S. 2008. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.
- Bourdieu, Pierre. 2007. A distinção. São Paulo: Edusp.
- Cantor Magnani, José Guilherme. 2009. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes antropológicos* 15: 129-156.
- Clifford, James and Marcus, George (Org.). 1986. Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press.
- Cooper, Martha and Chalfant, Henry. 1984. Subway art. London: Macmillan.
- Damatta, Roberto. 1981. Você tem Cultura. *Jornal Embratel*: 1-4.
- de Albuquerque Maffioletti, Cássio. 2013. Retomando a nossa esquina: o movimento hip hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- de Freitas do Amaral, Márcio. 2011. Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
- Eckert, Cornelia e Carvalho Da Rocha, Ana Luiza. 2002. Etnografia na rua e câmera na mão. *Studium* 8: 11-22.
- Eckert, Cornelia e Carvalho Da Rocha, Ana Luiza. 2008. Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras* 9(21): 1-23. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>.
- Fialho, Vânia. 2003. Hip Hop Sul: um espaço televisivo de formação e atuação musical. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Franco, Sérgio Miguel. 2009. Iconografias da metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.
- Hebdige, Dick. 1979. Subculture: The meaning of style. London-New York: Routledge.
- Izquierdo, Jose Maria de Jesus; Paulo, Maria de Assunção Lima de e Barbosa dos Santos, Valdonilson. 2020. Juventude rural e vivências da sexualidade. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27(4): 1265-1283.
- Lapassade, Georges and Rousselot, Philippe. 2009. Rap, il furor del dire. Roma: Bepress
- Lefebvre, Henri. 1970. La révolution urbaine. Paris: Gallimard.
- Machado Pais, José. 2003 [1993]. Culturas juvenis. Lisboa: Temas portugueses.
- Maffesoli, Michel. 2000. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitaria.
- Marchezan Scherer, Clauber Eduardo e Vasconcelos Maia do Amaral, Pedro. 2020. O espaço

- e o lugar das cidades médias na rede urbana brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 22, 2020.
- Nedel Oliveira, Victor Hugo et al. 2018. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. *Educar em Revista* 34: 311-325.
- Velho, Gilberto. 1978. Observando o familiar. Em: de Oliveira Nunes, Edson (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. R